

Parte terceira – Das Leis Morais

Capítulo V – Lei de Conservação

Item 4. Necessário e supérfluo

716. Mediante a organização que nos deu, não traçou a Natureza o limite das nossas necessidades?

R. “Sem dúvida, mas o homem é insaciável. Por meio da organização que lhe deu a Natureza lhe traçou o limite das necessidades; porém, os vícios lhe alteraram a constituição e lhe criaram necessidades que não são reais.”

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0716).

Livro 15

Capítulo 716 – A Natureza em ação

0716/ LE

Diante da organização que Deus deu à humanidade pelos canais da natureza, Ele traçou os limites do que essa organização divina e humana precisaria para viver. O ser humano, incentivando os hábitos que se tornaram vícios, se perdeu nos labirintos dos erros, procurando satisfação de certos apetites grosseiros, tentando torcer as leis em que a natureza se expressa para manter a educação de todo ser vivente.

Mas, mesmo com a natureza humana continuando no desrespeito às leis, a natureza continua a mostrá-las pela sua própria vida e a corrigir todos aqueles que a desrespeitam. O aparelho digestivo, por exemplo, tem certa capacidade na absorção de alimentos, no entanto, o homem procura certos ingredientes para ativar mais a fome, acabando em estimulá-lo para o desequilíbrio, comendo o dobro ou mais do que precisaria para viver. Ele passa, então, a viver para comer, e não a comer para viver. E surge a tão conhecida gula. É o abuso da delicadeza orgânica, pela qual o homem depois pagará caro pelo supérfluo que se movimenta dentro de si, em formação da desarmonia do complexo físico. A medicina do futuro será mais preventiva, ensinando ao homem, desde criança, a cuidar-se de si mesma, por não precisar mais de sofrer pela força da gula. As doenças são as respostas para a ignorância, quando se usam mal os bens da vida.

A natureza traçou os limites e o homem não quis entender; queria aproveitar a vida, no dizer dos que ignoram, passando esse desregramento de geração a geração, mal que se espalhou no mundo inteiro. Mas a natureza, por misericórdia, vem em seu auxílio, inspirando na feitura dos medicamentos, de modo que a educação possa surgir juntamente, com a cura. É indispensável, porém, que a criatura passe a amar a natureza, e não estrague as possibilidades dos outros seres vivos, que eles lhe entregarão a força curativa de um modo natural e simples, em várias dimensões da vida. Isso é muito interessante; é o que devemos fazer logo: amar as águas, as plantas, os animais, o ar, o sol e a própria vida, mas, em primeiro lugar, ao Criador de todas as coisas, para então sentirmos o próximo como sendo a nós mesmos. Esse procedimento é a natureza em ação permanentemente.

É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. (João, 9:4)

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.

A noite vem, disse Jesus, a noite dos tempos em cobrança pelos carmas coletivos, e ninguém pode mais trabalhar a não ser saldar dívidas.

O Espiritismo anuncia em todas as suas mensagens a hora soando, os clarins da eternidade tocando e convidando aos homens e Espíritos a lançarem mãos ao arado sem olhar para trás, fazendo as obras de Deus, que Ele nos entregou para realizar.

Homens, desesperai! Jesus é o ponto culminante da fé, da educação e da sabedoria. Não percais Sua luz, nem fecheis os olhos ao Seu convite de amor. O amor é a força soberana que salva todas as criaturas da ignorância, conduzindo a todos nós para o bom uso de todos os bens da vida, enriquecendo os corações, para que possamos sentir a esperança, sentirmos que existe a felicidade.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XV, Cap. 716 – A Natureza em ação.

– questão 0716, (João Nunes Maia)).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.